



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 30/10/2019



Visita do Vice Chefe do Escritório das Nações Unidas para Redução de Risco de Desastres para as Américas e Caribe

Hoje tive a honra de visitar a sala de situação do Ministério da Defesa do Brasil em pleno funcionamento, ao lado do Sec. Nacional Proteção e Defesa Civil, Cel. Alexandre. Lucas, Chefe do Centro Nacional para Gerenciamento de Riscos e Desastres, Armin Braun e Coord. Geral de Gestão Desastres, A. Neto



Nahuel Arenas

FONTE: <https://twitter.com/niankul23/media>



Tornar as mentes jovens resilientes a desastres

Por Aaron Bernstein, MD, MPH

Como pediatra e mãe, muitas vezes penso no que faria para manter meus filhos seguros se fôssemos atingidos por uma tempestade como o furacão Dorian, que reduziu as cidades inteiras nas Bahamas a escombros. Ou por um incêndio violento, como a fogueira de acampamento que queimou a cidade de Paradise, na Califórnia. Ou como lidamos com as chuvas recordes deste ano que inundaram dezenas de cidades em toda a bacia do rio Mississippi.

Desastres como esses - que podem estar ficando mais perigosos com as mudanças climáticas - podem prejudicar diretamente o corpo de uma criança. Mas o menos apreciado é como eles podem prejudicar a mente de nossos filhos e como esses danos podem resultar em problemas de saúde durante a vida de nossos filhos. Felizmente, podemos tomar medidas para aumentar a resiliência de nossos filhos e de nossas comunidades antes que ocorra um desastre, o que pode ajudar a protegê-los do trauma de viver um deles.

Como as crianças podem sofrer um desastre natural?

Podemos tomar medidas concretas para proteger nossas casas e famílias dos riscos iminentes que advêm de desastres naturais. Mas, mesmo que nossas casas sejam poupadas e tenhamos comida, água e energia suficiente para manter nossas famílias em segurança, uma criança que vive um grande desastre pode ter efeitos remanescentes para a saúde que podem ser difíceis de ver a princípio.

Então, por um momento, imagine a sensação de perda - e instabilidade - que uma criança pode sentir quando voltar para casa após um desastre. A comunidade deles não é a que eles conheciam apenas alguns dias antes. A escola, os lares de amigos e familiares, os lugares onde costumavam brincar, podem ter desaparecido. Nenhuma dessas perdas pode ser tão perturbadora quanto encontrar seu lar destruído ou saber que um ente querido morreu.

O trauma causado por furacões, incêndios florestais e inundações pode ter impactos de longo prazo na saúde mental das crianças. Os pesquisadores descobriram que as crianças que sofrem esses desastres naturais podem sofrer de sintomas persistentes de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (também veja aqui e aqui). Como muitas famílias aprendem, os sinais pós-desastre de TEPT em crianças podem incluir sonhos perturbadores recorrentes, ansiedade de separação e respostas físicas, como dores de cabeça e dores de estômago.

E eles também podem estar em risco de pior saúde de outras maneiras.

O que são eventos adversos na infância e como eles afetam a saúde?

Eventos adversos na infância (ou ACEs) referem-se a uma variedade de eventos traumáticos, como:

- abuso físico ou negligência
- doença mental dos pais
- divórcio
- exposição à violência
- vivendo um desastre natural.

As ACEs podem levar ao estresse tóxico, que pode resultar quando uma criança sofre muitos eventos adversos e não possui tampões protetores adequados. O desencadeamento recorrente ou prolongado da resposta ao estresse de uma criança pode alterar a arquitetura do cérebro. Também afeta o desenvolvimento de outros órgãos, com consequências para a saúde que se estendem até a idade adulta, incluindo taxas mais altas de uso de substâncias, gestações indesejadas, câncer e HIV.

Como podemos ajudar as crianças a criar resiliência protetora?

Mas podemos proteger as crianças das ACEs e do estresse tóxico que leva a piores resultados de saúde. Por exemplo, uma das forças mais poderosas na prevenção de danos causados por estresse tóxico é ter um adulto que apoia a vida de uma criança. Muitas outras ações podem reforçar a resiliência, ajudando-os a se sentirem confiantes em sua capacidade de se adaptar às mudanças. Isso pode incluir qualquer coisa, desde promover riscos saudáveis e incentivar as crianças a fazer coisas que estão fora de sua zona de conforto, até modelar perseverança diante das adversidades dos adultos. Vários guias práticos para os pais sobre a construção de resiliência a ACEs e estresse tóxico estão disponíveis em autoridades confiáveis, como a American Psychological Association e a American Academy of Pediatrics.

Com as ferramentas certas, pais, professores, treinadores e líderes religiosos, entre outros, podem contribuir para a construção da resiliência de uma criança. O mesmo acontece com as comunidades e os governos locais. Acesso a educação precoce de alta qualidade, prevenção ao crime, desenvolvimento profissional para professores, treinamento dos pais para responder às emoções das crianças, melhores parques e playgrounds e, possivelmente, até maior exposição ao espaço verde podem ser investimentos que criam benefícios ao longo da vida, protegendo as crianças de substâncias tóxicas. estresse.

Com os deslumbrantes desastres das mudanças climáticas que se desenrolam diante de nossos olhos, não devemos perder os efeitos às vezes mais difíceis de ver que podem surgir e persistir muito tempo depois que as tempestades e incêndios terminam. Devemos fazer o que pudermos para nos preparar, e nossas comunidades, para tornar nossos filhos mais fortes e mais resilientes.

FONTE: <https://www.health.harvard.edu/blog/making-young-minds-resilient-to-disasters-2019102318037>



Lições aprendidas ao medir a resiliência a inundações

A Zurich Flood Resilience Alliance (ZFRA) identificou a medição da resiliência como um ingrediente valioso na construção da resiliência comunitária às inundações. Medir a resiliência é particularmente desafiador porque é uma característica invisível ou latente de uma comunidade até que ocorra uma enchente.

A estrutura de Medição de Resiliência de Inundações para Comunidades (FRMC) mede “fontes de resiliência” antes que uma inundação aconteça e analisa os impactos pós-inundação posteriormente. O FRMC é construído em torno da noção de cinco tipos de capital (os 5Cs: capital humano, social, físico, natural e financeiro) e os 4Rs de um sistema resiliente (robustez, redundância, desenvoltura e rapidez). As fontes de resiliência são classificadas com base no Padrão Técnico de Classificação de Engenharia de Risco de Zurique. Os resultados são exibidos de acordo com os 5Cs e 4Rs, o ciclo de gerenciamento de riscos de desastres (DRM), os temas e o nível de contexto, para dar à abordagem maior flexibilidade e acessibilidade. Na primeira fase de aplicação (2013-2018), medimos a resiliência a inundações em 118 comunidades em nove países, com base nas respostas nos níveis doméstico e comunitário. A continuação desse empreendimento na Fase II (2018 - 2023) nos permitirá enriquecer o entendimento da resiliência à inundação da comunidade e estender esse conjunto de dados exclusivo. Concluímos que, no nível da comunidade, o FRMC permite que os usuários acompanhem o progresso da comunidade em resiliência ao longo do tempo de maneira padronizada. Assim, fornece informações vitais para o processo de tomada de decisão em termos de priorização das medidas de fortalecimento da resiliência mais necessárias à comunidade. Nos níveis comunitário e de tomada de decisão mais alta, medir a resiliência também fornece uma base para melhorar o design de programas inovadores de investimento para fortalecer a resiliência a desastres. Explorando dados em várias comunidades (enfrentando diferentes tipos de enchentes e com contextos socioeconômicos e políticos muito diferentes), podemos gerar evidências sobre quais características contribuem mais para a resiliência a desastres da comunidade antes que um evento ocorra. Isso contribui para enfrentar o desafio de demonstrar que o trabalho que realizamos tem o impacto desejado - que na verdade cria resiliência. Ainda não foi verificada empiricamente uma estrutura geral de medição para a resiliência a desastres¹, mas a estrutura FRMC foi desenvolvida para eventualmente gerar os dados necessários para demonstrar empiricamente quais medidas ex ante são mais eficazes para as comunidades. Nossas descobertas sugerem que interações mais fortes entre funções da comunidade induzem co-benefícios entre as cinco capitais, fornecendo evidências de um efeito

virtuoso do tipo ciclo, onde uma capacidade resiliente mais alta em um capital promove a capacidade da comunidade de resiliência em outras capitais.

FONTE: <http://pure.iiasa.ac.at/id/eprint/16065/1/WP-19-007.pdf>



Histórias de mudança: "Eu não queria ficar sentado esperando o próximo desastre"

Os deslizamentos de terra são um risco significativo na região de Tana Toraja, no sul de Sulawesi, na Indonésia. Eles são uma ameaça particularmente perigosa na vila de Rano, que fica em um vale. Rano tem temperaturas mais quentes do que as comunidades vizinhas. Isso significa que as secas são mais severas aqui, quando não chove por longos períodos. Quando as chuvas chegam, elas podem provocar deslizamentos de terra perigosos.

No final de 2016, deslizamentos de terra fatais atingiram Rano e devastaram a vila. A família de Elsi Bura Tasik foi prejudicada nesses deslizamentos de terra. A CWS respondeu imediatamente ao lado de um parceiro local para ajudar as famílias a lidar.

"Eu não queria sentar e esperar pelo próximo desastre [para nos devastar novamente]", diz Elsi. É por isso que agora ela é líder da comunidade no programa CWS DREAM, que se concentra na preparação para emergências e na construção de resiliência a longo prazo. Assim que pôde após os deslizamentos de terra em 2016, Elsi decidiu aprender mais sobre o que poderia fazer para proteger sua família e vizinhos. E nos anos seguintes, ela trabalhou duro para ajudar o DREAM a ter sucesso em Rano.

Recentemente, Elsi se tornou líder no grupo de poupança e empréstimo de Larasati. Grupos como este, que o CWS apóia no programa DREAM e em todos os nossos programas na Ásia, permitem que os vizinhos economizem juntos e façam empréstimos (a uma taxa de juros modesta) para iniciar negócios, aumentar negócios existentes ou passar por períodos de escassez. Elsi tem sido um fator determinante no incrível sucesso do grupo; em apenas um ano, a capital do grupo atingiu 3.000.000 de rupias - cerca de US \$ 200. São cerca de quatro meses de renda para uma família aqui. "Todas as mulheres do grupo se inspiram e se levantam", diz Elsi.

Como um grupo de poupança como este leva à resiliência a desastres? Eles constroem estabilidade e resiliência econômicas, que são essenciais para lidar com um desastre. Famílias financeiramente seguras podem se dar ao luxo de consertar ou substituir itens perdidos ou danificados após um desastre, e é mais provável que famílias com fluxos de renda diversificados continuem a ter meios de subsistência após um desastre. É por isso que esses grupos se concentram em trabalhar com mulheres

para iniciar ou expandir negócios para complementar a renda do trabalho agrícola de seus maridos.

FONTE: <https://cwsglobal.org/elsi/>

EVENTOS

Oficina

O Uso de Maquetes Interativas na Discussão Polifônica sobre Redução de Riscos de Desastres e Produção Social de Cidades Resilientes

Coordenadores:
Norma Valencio (Profa. Visitante do IFCH; vice-coord. do NEPED-DCAm/UFSCar)
Juliano Costa Gonçalves (coord. do NEPED-DCAm/UFSCar/Tutor do PET Ambiental)
Sidnei Furtado (Promotor da Campanha "Construindo Cidades Resilientes" do Escritório das Nações Unidas para Redução dos Riscos de Desastres)

Equipe de Suporte:
Grupo PET Ambiental do curso de Bacharelado em Gestão e Análise Ambiental da UFSCar

Convidada Especial:
Mariana Siena, Docente das Fac. Anhanguera e pesquisadora do NEPED-DCAm/UFSCar)

Local: Ciclo Básico da UNICAMP, Auditório do EA2 (2o andar), Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas/SP


Data e horário: dia 01 de novembro, 4 horas de duração:
- das 10:30/12:30 (aspectos teórico-metodológicos)
- das 14:00/16:00 (exercício prático)

Público alvo: agentes de defesa civil, bombeiros militares, professores do ensino fundamental da rede pública, pessoal de secretarias de assistência social, meio ambiente, habitação e urbanismo - **30 Vagas**

Inscrição: através do e-mail disaster@unicamp.br
- subject: "maquete" - texto com: (a) Nome Completo, (b) CPF e (c) Instituição/comunidade a qual pertence

Haverá Emissão de Certificado - Atividade Gratuita

Realização: IFCH/UNICAMP, NEPED-DCAm/UFSCar e Defesa Civil de Campinas.
Apoio: Programa PEV/Pro-Reitoria de Graduação da UNICAMP.
Apoio técnico: Secretaria de Eventos IFCH



ACNUR e Pacto Global lançam no Rio plataforma para contratação de refugiados

A [Agência da ONU para Refugiados \(ACNUR\)](#) e a Rede Brasil do Pacto Global lançam na sexta-feira (1) no Rio de Janeiro (RJ) a plataforma “Empresas com Refugiados”, que visa ampliar a inserção de refugiados no mercado de trabalho brasileiro.

A iniciativa será apresentada durante a 4ª edição do Fórum Empresarial de Empregabilidade e Empreendedorismo para Refugiados e Migrantes.

O evento, que já teve edições em São Paulo (SP), Manaus (AM), Curitiba (PR) e Belo Horizonte (MG), reúne empresários, pessoas em situação de refúgio, representantes de ONGs, do setor público e demais atores que lidam com o tema.

O objetivo é alinhar desenvolvimento econômico sustentável ao aumento do fluxo de refugiados e migrantes. A edição fluminense será realizada na WeWork de Botafogo, e as inscrições podem ser feitas pelo link: <http://bit.ly/2Pbl2vQ>.

A programação contará com apresentações de representantes do ACNUR, Rede Brasil do Pacto Global, WeWork e da administração municipal e estadual do Rio de Janeiro. Também participam organizações que trabalham pela inserção de refugiados na sociedade brasileira. Ao final do evento, haverá uma discussão sobre boas práticas empresariais na inclusão de refugiados e migrantes, e um painel da Operação Acolhida.

“Quando comecei a procura por novos talentos, necessitava de um garçom bilíngue e um cozinheiro”, afirmou a dona de restaurante Debora Shornik, que compartilhou sua experiência na contratação de refugiados durante a edição do Fórum em Manaus. “Hoje, a garçonete venezuelana é a única que fala inglês no restaurante, além dos ótimos três cozinheiros.”

Para Luis, um dos cozinheiros contratados, sua adaptação cultural ao novo ambiente de trabalho aconteceu de forma rápida. “Debora acolheu muito bem nossas sugestões e incluiu um pouco da Venezuela no cardápio.”

Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), o Brasil reconheceu, apenas em 2018, um total de 1.086 refugiados de diversas nacionalidades. No mesmo ano, foram apresentadas 752 solicitações de refúgio no Rio de Janeiro. O estado também faz parte da iniciativa de interiorização, e recebeu 585 venezuelanos entre janeiro e agosto de 2019.

Serviço

Fórum Empresarial de Empregabilidade e Empreendedorismo para Refugiados e Migrantes

Local: WeWork – Av. Pasteur, 154 – Botafogo, Rio de Janeiro

Data e horário: 1º de novembro de 2019, 9h-12h30

Inscrições: <http://bit.ly/2Pbl2vQ>

Sobre o Pacto Global

Lançado em 2000 pelo então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, o Pacto Global é um chamado para as empresas alinharem suas estratégias e operações a 10 princípios universais nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção e desenvolverem ações que contribuam para o enfrentamento dos desafios da sociedade. É hoje a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 13 mil membros em quase 80 redes locais, que abrangem 160 países.

A Rede Brasil do Pacto Global foi criada em 2003, e hoje é a terceira maior do mundo, com mais de 800 membros. Os mais de 30 projetos conduzidos no país abrangem, principalmente, os temas: Água e Saneamento, Alimentos e Agricultura, Energia e Clima, Direitos Humanos e Trabalho, Anticorrupção e ODS (esta última para engajar as empresas em relação à Agenda 2030).

Sobre o ACNUR

A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) foi criada em dezembro de 1950 por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas com o objetivo de proteger e ajudar refugiados e populações apátridas em todo o mundo. Por seu trabalho humanitário, recebeu duas vezes o Prêmio Nobel da Paz (1954 e 1981).

Atualmente, a agência conta com quase 12 mil funcionários e está presente em cerca de 130 países com mais de 460 escritórios. Por meio de parcerias com centenas de organizações não governamentais, o ACNUR presta assistência e proteção a mais de 67 milhões de homens, mulheres e crianças.

No Brasil, o ACNUR tem seu escritório central em Brasília e unidades descentralizadas em São Paulo (SP), Manaus (AM), Belém (PA) e Boa Vista (RR). O ACNUR atua em cooperação com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e em coordenação com os governos federal, estaduais e municipais, além de outras instâncias do Poder Público.

FONTE https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdIIJtZ75C20LuwdVV2vYjOF_KITpfszQNkNiMIdTJBG_eMYg/viewform



Mestrado em Ciências e Economia das Mudanças Climáticas

descrição

Objetivos gerais

O Mestre tem como objetivo treinar gerentes para participar de uma melhor integração das questões de mudança climática e risco de desastre nas políticas e projetos de desenvolvimento. Os candidatos têm a oportunidade de se preparar para o Mestrado pessoalmente, sob monitoramento contínuo ou em educação a distância.

Objetivos específicos

Especificamente, o Mestre visa:

- dar aos canadenses uma abordagem abrangente das mudanças climáticas e redução de riscos de desastres relacionados a questões de desenvolvimento econômico;
- treinar candidatos em métodos para avaliar os impactos das mudanças climáticas e desenvolver estratégias de adaptação e redução de riscos de desastres;
- treinar os candidatos nas ferramentas e metodologias para integrar as considerações sobre riscos de mudanças climáticas e desastres em estratégias, programas e projetos de desenvolvimento.

Condição de registro e admissão

O Mestrado está aberto a engenheiros e graduados de mestrado nas seguintes disciplinas: economia, ciências sociais, ciências da terra, ciências físicas e geografia. Para obter o diploma, os candidatos devem ter uma média de 10/20 ou mais por unidade de ensino e uma nota $\geq 12/20$ para o final do projeto de estudo.

Objetivos gerais O Mestre tem como objetivo treinar gerentes para participar de uma melhor integração das questões de mudança climática e risco de desastre nas políticas e projetos de desenvolvimento. Os candidatos têm a oportunidade de se preparar para o Mestrado pessoalmente, sob monitoramento contínuo ou em educação a distância.

Cobertura geográfica

global

FONTE: <http://cres-edu.org/wp-content/uploads/2016/10/Master-2-science-et-%C3%A9conomie-des-changements-climatiques.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>